

## USO E CONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS MULHERES DA COMUNIDADE MENDES, LIMOEIRO, PERNAMBUCO, BRASIL

Victor Hugo Moreira de LIMA<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Biólogo, Mestre em Ciências Biológicas. Laboratório Central de Saúde Pública – Dr. Milton Bezerra Sobral (LACEN/PE). Praça Oswaldo Cruz, s/n, Boa Vista, CEP: 50050-210. Recife/PE. E-mail: [victor.hg.ml@hotmail.com](mailto:victor.hg.ml@hotmail.com). Órgão de fomento: CAPES.

**Resumo:** O presente estudo, desenvolvido junto às mulheres da comunidade Mendes do município de Limoeiro (Pernambuco), visou registrar o conhecimento empírico de comunidades não tradicionais acerca dos usos e manejo de plantas medicinais para garantir acesso futuro a esse conhecimento. Foram selecionadas 46 informantes de acordo com sua disponibilidade em participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com o auxílio de formulário semiestruturado e conversas informais. Na primeira fase, investigaram-se as plantas medicinais conhecidas, suas indicações, partes utilizadas, formas de obtenção e preparo; na segunda etapa da pesquisa foram entrevistadas as mulheres anteriormente contatadas e se inquiriu sobre porquê se interessaram em aprender sobre plantas medicinais, com quem aprenderam, a idade em que se encontravam quando iniciaram o aprendizado e se já haviam ensinado a alguém; a frequência de uso das espécies e a preferência entre remédios feitos à base de plantas e os farmacêuticos. As espécies vegetais citadas somaram um total de 110 plantas, posicionadas em 52 famílias e 97 gêneros de Magnoliophyta. As mulheres da comunidade Mendes possuem um apreciável conhecimento acerca dos recursos da flora local com potencial terapêutico. O tratamento de diversos tipos de doenças com plantas medicinais é preferencialmente adotado, e as espécies utilizadas são obtidas especialmente em quintais residenciais. Pouco menos da metade das espécies utilizadas é nativa do bioma caatinga, predominando as introduzidas. *Myracrodruon urundeuva* Allemão e *Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm., espécies nativas ameaçadas de extinção, não se configuram no elenco das mais importantes.

**Palavras-chave:** etnobotânica, comunidades não tradicionais, planta medicinal.

---

## KNOWLEDGE AND USE OF MEDICINAL PLANTS USED BY WOMEN FROM MENDES VILLAGE, LIMOEIRO, PERNAMBUCO STATE, BRAZIL

**Abstract:** This study, conducted with women from Mendes community in the city of Limoeiro (Pernambuco State, northeast Brazil), aimed at recording the empirical knowledge of non-traditional communities about the use and handling of medicinal plants to ensure future access to that knowledge. We selected 46 respondents according to their willingness to participate in the survey. The interviews were carried out by means of semi-structured questionnaire and informal conversations. In the first phase, we investigated the known medicinal plants, their indications, used parts, as well as how to obtain and prepare plant-based medicines; in the second stage, women that have been previously interviewed were now inquired about the reason they had taken an interest in learning about medicinal plants, with whom they learned from, the age they were when they started learning about medicinal herbs, and whether they had taught to someone; the frequency of use of species and the preference between homemade remedies and pharmaceutical ones. A total of 110 plants were cited, which comprises 52 families and 97 genera of Magnoliophyta. The women from Mendes have a considerable knowledge about the resources of the local flora with therapeutic potential. The treatment of various types of diseases with medicinal plants is preferably adopted, and the useful species are mainly obtained from residential gardens. Slightly less than half of the species used are native to the caatinga biome, that is, there is the predominance of the exotic plants. *Myracrodruon urundeuva* Allemão and *Amburana cearensis* (Allemão) AC Sm., endangered native species, are not listed among the most important resources.

**Keywords:** ethnobotany, non-traditional communities, medicinal plants.

## **1 INTRODUÇÃO**

A geração e a transmissão do conhecimento relacionado com os múltiplos usos das plantas tiveram início nas sociedades humanas primitivas, ampliaram-se com o desenvolvimento da agricultura e se mantêm na atualidade (HEISER Jr., 1977). Este conhecimento resulta dos valores, crenças, descobertas e vivências experimentadas pelas diferentes sociedades no contato com o ambiente vegetal que as cerca (POSEY, 1992).

Na atualidade, a difusão do conhecimento sobre plantas medicinais é crescente no Brasil e em outros países (BACCHINI, 1996). Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que cerca de 80% da população mundial fez o uso de algum tipo de erva na busca de alívio de alguma sintomatologia dolorosa ou desagradável. Desse total, pelo menos 30% ocorreram por indicação médica (SILVA; CASALI, 2000). Tal procura pode ser explicada, entre outras causas, pela facilidade de acesso às plantas e ao alto custo da medicina ocidental moderna (BERG, 1993; CARRARA, 1995; SIMÕES, 1998).

Esse conhecimento demonstrado pelas diferentes sociedades tem chamado a atenção dos pesquisadores devido à constatação de que o saber empírico, muitas vezes, tem uma comprovação científica, possibilitando a extensão formal destes usos à sociedade como um todo (AMOROZO, 2002; GUARIM-NETO, 1987). Neste sentido, o presente estudo, desenvolvido junto às mulheres da comunidade Mendes no município de Limoeiro, agreste de Pernambuco, levantou e analisou os usos de plantas medicinais visando resgatar o conhecimento empírico acerca dos usos e manejo dos recursos vegetais relacionados à medicina popular para garantir acesso futuro a esse conhecimento.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

O município de Limoeiro localiza-se na Mesorregião Agreste e Microrregião Médio Capibaribe (07°52'19"S e 35°27'01"W), a 77 km de distância da capital

pernambucana. Compõe-se dos distritos Sede e Urucuba e dos povoados de Gameleira, Mendes e Lagoa Comprida. Com uma área de 274 km<sup>2</sup>, Limoeiro possui uma população total de 55.574 habitantes (homens = 48,3%; mulheres = 51,7%), onde 80,4% estão concentrados na zona urbana e 19,6% na zona rural (IBGE, 2010). Vila Mendes é um povoado rural distante cerca de 10 km do centro urbano do município, localizado numa região intermediária entre Limoeiro e o município de João Alfredo.

## 2.2 ENTREVISTAS E COLETA DOS DADOS ETNOBOTÂNICOS

A associação de moradores foi contatada para entrosamento inicial, esclarecimento quanto aos objetivos do estudo e obtenção de consentimento formal para sua realização. A coleta dos dados etnobotânicos aconteceu em duas etapas e abordou a metodologia da informação repetida (ALBUQUERQUE et al., 2008).

A primeira etapa das entrevistas aconteceu entre os meses de agosto e setembro de 2014 na comunidade rural Mendes. Esta etapa consistiu em visitas informais à comunidade, no intuito de criar uma maior aproximação com os moradores antes de iniciar as entrevistas. As informantes foram selecionadas de acordo com sua disponibilidade, quando as mulheres foram abordadas em suas residências. Uma vez que elas aceitavam participar, assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e dava-se início à coleta de dados. Foram entrevistadas 46 mulheres com o uso de formulário semiestruturado e conversas informais. Nesta primeira fase, os questionários envolveram perguntas de caráter sócio-econômico, tais como: idade, tempo de moradia, sexo, principal ocupação, nível de escolaridade, número de pessoas habitando a casa, principal fonte de renda, bem como perguntas sobre as técnicas de manejo e uso de plantas.

A segunda etapa das entrevistas concentrou-se nos meses de outubro e novembro de 2014, momento em que os pesquisadores retornaram às casas das mulheres anteriormente visitadas e inquiriram a respeito das informações antes prestadas, bem como foram feitas novas perguntas sobre o motivo de se interessarem em aprender sobre plantas medicinais, com quem aprenderam, a idade em que se encontravam quando iniciaram o aprendizado e se já haviam ensinado a alguém; a frequência de

uso das espécies; a preferência entre remédios feitos à base de plantas e os farmacêuticos; as associações com outras plantas e possíveis contra-indicações ou efeitos indesejados das mesmas. As plantas medicinais citadas nas entrevistas foram coletadas e identificadas a partir de consulta a bibliografia especializada e comparações com exsicatas dos Herbários Dárdaro de Andrade Lima do Instituto Agrônomo de Pernambuco e Geraldo Mariz da Universidade Federal de Pernambuco.

## 2.3 ANÁLISE DOS DADOS ETNOBOTÂNICOS

As espécies citadas foram listadas e ordenadas pelos valores alcançados no índice de importância relativa (IR), calculado de acordo com a proposta de Bennett e Prance (2000) visando identificar as espécies mais versáteis. A importância relativa (IR) foi calculada pela fórmula  $IR = NSC + NP$ , onde  $NSC = NSC / NSCEV$  e  $NP = NPE / NPEV$ . NSCE é o número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie, NSCEV o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil, NPE o número de propriedades atribuídas para uma determinada espécie e NPEV o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 PERFIL SÓCIO ECONÔMICO

Entre as 46 mulheres entrevistada, predominaram mulheres adultas na faixa etária de 40 a 60 anos (96%), onde 78% delas provêm da zona rural do município de Limoeiro ou municípios circunvizinhos. A renda familiar mensal prevalece em torno de um salário mínimo, sendo agricultora a profissão dominante. Com relação ao grau de escolaridade, verifica-se uma variação do básico (alfabetização) ao nível superior completo, estando a maior parcela das entrevistadas (48%) inseridas entre as mulheres que não estudaram ou concluíram no máximo o ensino fundamental.

### 3.2 CONHECIMENTO SOBRE OS RECURSOS MEDICINAIS

Na comunidade Mendes, todas as mulheres entrevistadas utilizam ao menos uma planta para fins terapêuticos. Teixeira e Melo (2006), em levantamento semelhante realizado no município de Jupi, agreste de Pernambuco, observaram que 100% dos entrevistados têm em casa pelo menos uma espécie de planta medicinal adotada no tratamento de alguma enfermidade. Soares *et al.* (2009), em outro levantamento realizado no município de Gurinhém, Paraíba, registraram que 81% dos entrevistados utilizam algum tipo de planta medicinal para o tratamento de doenças. Estes dados apontam uma expressiva difusão do conhecimento e uso de plantas medicinais no nordeste do Brasil.

As espécies vegetais citadas pelas mulheres, que foram taxonomicamente identificadas, somaram um total de 110 plantas, posicionadas em 52 famílias e 97 gêneros de Magnoliophyta. Fabaceae (8 spp.), Lamiaceae (7 spp.), Cucurbitaceae (6 spp.), Asteraceae e Myrtaceae (5 spp. cada) predominaram no repertório botânico (Tabela 1). Teixeira e Melo (2006) e Oliveira (2007) encontraram um padrão de distribuição de espécies e famílias muito semelhante em seus estudos com comunidades assentadas no agreste e zona da mata de Pernambuco, respectivamente: os primeiros registraram um total de 106 espécies posicionadas em 49 famílias de Magnoliophyta, onde se destacaram Lamiaceae (11 spp.), Asteraceae (8 spp.), Cucurbitaceae (7 spp.), Caesalpiniaceae e Myrtaceae (5 spp. cada); o segundo encontrou 95 espécies também de Magnoliophyta distribuídas em 55 famílias e 86 gêneros com destaque para Lamiaceae (9 spp.), Asteraceae (7 spp.), Cucurbitaceae, Myrtaceae e Rutaceae (4 spp. cada).

As entrevistadas atribuíram principalmente aos familiares (74%) a aquisição dos conhecimentos sobre plantas medicinais. Para a maioria delas (70%), o início do aprendizado se deu ainda na infância, sob a orientação de suas mães. Quando indagadas a respeito do repasse do conhecimento, 82% responderam já ter ensinado a alguém, sendo os familiares (25%) a parcela que menos se interessou. Evidencia-se, assim, que o conhecimento sobre plantas medicinais na comunidade Mendes está

sendo repassado a cada geração e que os principais interessados são os vizinhos e amigos.

**Tabela 1.** Espécies de plantas medicinais citadas pelas mulheres da comunidade Mendes, município de Limoeiro, Pernambuco (Nordeste do Brasil).

Família/Espécie	Nome vulgar	Importância relativa	Status
<b>ACANTHACEAE</b>			
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	chambá	0,39	exótica
<b>ADOXACEAE</b>			
<i>Sambucus</i> sp.	sabugueiro	0,46	exótica
<b>ALLIACEAE</b>			
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	0,39	exótica
<i>Allium sativum</i> L.	alho	0,79	exótica
<b>AMARANTHACEAE</b>			
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	0,27	exótica
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	0,93	exótica
<b>ANACARDIACEAE</b>			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajú	0,71	exótica
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	0,39	exótica
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	aroeira	1,05	nativa
<i>Spondias</i> sp.	cajá	0,2	exótica
<b>ANNONACEAE</b>			
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	0,2	exótica
<b>APIACEAE</b>			
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	0,2	exótica
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	0,39	exótica
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	0,66	exótica
<b>APOCYNACEAE</b>			
<i>Catharanthus roseus</i> L. G. Don	boa-noite	0,66	exótica
<b>ARECACEAE</b>			
<i>Cocos nucifera</i> L.	coco	0,86	exótica
<b>ASPHODELACEAE</b>			
<i>Aloe</i> sp.	babosa	1,18	exótica
<b>ASTERACEAE</b>			
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	espinho-de-cigano	0,93	exótica
<i>Cynara scolymus</i> L.	alcachofra	0,54	exótica
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	0,2	exótica
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface	0,2	exótica
<i>Matricaria recutita</i> L.	camomila	0,27	exótica
<b>BIGNONIACEAE</b>			
<i>Tabebuia</i> sp.	ipê	0,39	nativa
<b>BORAGINACEAE</b>			
<i>Heliotropium indicum</i> L.	fedegoso	0,39	exótica

BRASSICACEAE			
<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	0,27	exótica
<i>Brassica rapa</i> L.	nabo	0,2	exótica
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	agrião	0,86	exótica
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	0,54	exótica
CACTACEAE			
<i>Cereus</i> sp.	cardeiro	0,27	nativa
CAPPARACEAE			
<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	mussambé	0,46	nativa
CARICACEAE			
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	0,93	nativa
CONVOLVULACEAE			
<i>Ipomoea batatas</i> (Choisy) Griseb.	batata doce	0,2	nativa
COSTACEAE			
<i>Costus</i> sp.	cana-de-macaco	0,66	nativa
CRASSULACEAE			
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	corona branca	0,34	exótica
CUCURBITACEAE			
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	melancia	0,39	exótica
<i>Cucumis melo</i> L.	melão	0,27	exótica
<i>Cucumis sativus</i> L.	pepino	0,2	exótica
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	cabacinho	0,39	nativa
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-são-caetano	0,27	exótica
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	0,39	exótica
EUPHORBIACEAE			
<i>Croton</i> sp.	marmeleiro branco	0,39	nativa
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão roxo	0,39	exótica
<i>Ricinus communis</i> L.	carrapateira	0,2	exótica
FABACEAE			
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	imburana de cheiro	0,46	nativa
<i>Anadenanthera</i> sp.	angico	0,98	nativa
<i>Bauhinia</i> sp.	pata-de-vaca	0,2	exótica
<i>Caesalpinia</i> sp.	catingueira	0,2	nativa
<i>Erythrina</i> sp.	mulungu	0,46	nativa
<i>Hymenaea</i> sp.	jatobá	0,2	nativa
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	0,2	exótica
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	café beirão	0,2	nativa
LAMIACEAE			
<i>Mentha pulegium</i> L.	vick	0,54	exótica
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	hortelã miúdo	1,73	exótica

<i>Ocimum</i> spp.	manjeriçao	0,98	exótica
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã graúdo	1,2	exótica
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	0,34	exótica
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	1,52	exótica
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	liamba	0,2	exótica
LAURACEAE			
<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	canela	0,2	exótica
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	0,39	Exótica
LYTHRACEAE			
<i>Punica granatum</i> L.	romã	0,52	exótica
MALPIGHIACEAE			
<i>Malpighia glabra</i> L.	acerola	0,79	exótica
MALVACEAE			
<i>Gossypium</i> sp.	algodão preto	0,86	exótica
<i>Hibiscus esculentus</i> L.	quiabo	0,2	exótica
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	papoula	0,2	exótica
<i>Malva</i> sp.	malva-rosa	0,66	exótica
MONIMIACEAE			
<i>Peumus boldus</i> Molina	boldo	0,39	exótica
MUSACEAE			
<i>Musa paradisiaca</i> L.	banana	0,73	exótica
MYRTACEAE			
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	0,39	exótica
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	0,2	exótica
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	0,2	exótica
<i>Psidium</i> sp.	araçá	0,2	exótica
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	cravo	0,39	exótica
NYCTAGINACEAE			
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	pega-pinto	0,86	nativa
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	biribiri	0,2	exótica
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	0,46	exótica
PAPAVERACEAE			
<i>Argemone mexicana</i> L.	cardo-santo	0,2	exótica
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora</i> spp.	maracujá	0,46	exótica
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	chanana	0,39	nativa
PHYLLANTHACEAE			
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	0,46	nativa
PHYTOLACCACEAE			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	tipim	0,27	exótica
PIPERACEAE			
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	língua de sapo	0,39	exótica



<i>Piper nigrum</i> L.	pimenta-do-reino	0,2	exótica
PLANTAGINACEAE			
<i>Plantago major</i> L.	transagem	0,2	exótica
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim santo	1,39	exótica
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	pé-de-galinha	0,2	exótica
<i>Phalaris canariensis</i> L.	alpiste	0,27	exótica
<i>Zea mays</i> L.	milho	0,2	exótica
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juá	0,59	nativa
ROSACEAE			
<i>Malus pumila</i> Mill.	maçã	0,46	exótica
<i>Prunus domestica</i> L.	ameixa	0,27	exótica
<i>Rosa</i> sp.	rosa	0,59	exótica
RUBIACEAE			
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	0,46	nativa
<i>Spermocoe verticillata</i> L.	vassoura-de-botão	1,32	nativa
RUTACEAE			
<i>Citrus</i> sp.	laranja	0,66	exótica
<i>Citrus</i> sp.	limão	0,59	exótica
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	1,13	exótica
SAPOTACEAE			
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D. Penn.	quixaba	0,91	nativa
SCHISANDRACEAE			
<i>Illicium verum</i> Hook. f.	anis-estrelado	0,2	exótica
SOLANACEAE			
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta-malagueta	0,2	nativa
<i>Solanum americanum</i> Mill.	erva-moura	0,27	nativa
<i>Solanum lycopersicum</i> Lam.	tomate	0,2	nativa
<i>Solanum melongena</i> (Mill.) Dunal	berinjela	0,39	exótica
<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba branca	1,18	nativa
<i>Solanum tuberosum</i> L.	batata	0,39	exótica
VERBENACEAE			
<i>Lantana camara</i> L.	camará	0,2	nativa
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	cidreira	2	exótica
VIOLACEAE			
<i>Hybanthus</i> cf. <i>ipecacuanha</i> (Vent.) Angely	pepaconha	0,39	exótica
VITACEAE			
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	insulina	0,2	nativa
ZINGIBERACEAE			
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	colônia	1,52	exótica

Um estudo no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, revela que embora 60,5% dos informantes cultivem as espécies utilizadas, cooperando assim para uma preservação destas, o conhecimento do uso e método de preparação desses medicamentos é muito baixo nas tradições familiares. O fato evidencia a problemática da perda de conhecimento tradicional por meio de aculturação (MARODIM; BAPTISTA, 2001).

No sudeste do Brasil, outra situação de aculturação é evidenciada em estudos realizados no município de Luiz Antônio, São Paulo, por meio de duas etapas de obtenção dos dados, sendo de seis anos o intervalo entre a primeira e a segunda coleta (SIMONE et al., 2000). O estudo revelou a baixa participação local no conhecimento de plantas medicinais pelos entrevistados na segunda etapa do estudo, embora as plantas citadas fossem cultivadas pela população.

No presente estudo, quase a totalidade das entrevistadas (95%) relatou que, além de utilizarem o remédio natural, também utilizam o remédio farmacêutico para o tratamento de suas patologias. Destas, 53% preferem a medicação à base de plantas, 42% preferem a medicação farmacêutica e 11% são indiferentes à escolha do tratamento. Os principais motivos levantados pelas entrevistadas acerca da utilização de plantas medicinais foram a facilidade de acesso (21%) e o baixo custo de obtenção (21%). Vale ressaltar que entre aquelas que responderam preferir o remédio farmacêutico, muitas são mulheres idosas que residem sozinhas e alegaram não possuir condições físicas de manter em casa o cultivo das plantas medicinais ou não tinham quem fosse buscar plantas para elas. Com relação ao local de obtenção das plantas medicinais, destaca-se o cultivo em quintais domésticos (68%) e feiras (34%).

Albuquerque *et al.* (2005) e Florentino *et al.* (2007), ao estudarem quintais no nordeste do Brasil, evidenciaram também uma expressiva riqueza e diversidade de espécies neste tipo de ambiente, que é considerado uma das formas mais antigas de uso da terra, promovendo a sustentabilidade para milhões de pessoas no mundo.

A análise da importância relativa das espécies citadas pelas informantes de Mendes, ordenou pelos maiores índices *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson (2,00),

*Mentha x villosa* Huds. (1,73), *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm. (1,71) e *Rosmarinus officinalis* L. (1,52) (Tabela 1).

Oliveira *et al.* (2010), ao estudarem plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, relataram o uso de 95 espécies botânicas, distribuídas em 86 gêneros e 55 famílias, entre as quais também se destacam *Lippia alba* (IR = 2,0), *Mentha x villosa* (IR = 1,8) e *Alpinia zerumbet* (IR = 1,6), com indicações para diversas enfermidades.

De uma forma geral, entre as espécies citadas, pouco menos da metade é nativa da caatinga, evidenciando-se um elevado percentual de plantas introduzidas. Predominam as herbáceas (54%), com algumas espécies lenhosas de hábito arbóreo (22%), arbustivo (14%) ou subarbustivo (6%), sendo raras as arvoretas (3%) e arborescentes (1%).

Em conversas informais ocorridas durante a aplicação dos questionários, chamou atenção a forma como as informantes identificam as plantas tóxicas ou que apresentam efeitos indesejados: estas geralmente apresentam sabor amargo e são consumidas em pequenas porções ou administradas em pequenas doses, com o intervalo de alguns dias. Sendo assim, plantas consideradas não amargas são consumidas de forma irregular e arbitrária, o que pode conduzir a quadros graves de intoxicação, já que nem todas as espécies tóxicas possuem a propriedade da impalatabilidade.

Dentre as preparações reconhecidas como tóxicas pelas entrevistadas estão: o sumo das folhas de *Ruta graveolens* que pode levar à surdez permanente; a infusão com as folhas de *Rosmarinus officinalis* que, segundo muitas entrevistadas, faz mal ao coração; e o suco e decocto feitos com as folhas de *Aloe* sp. e *Alpinia zerumbet*, respectivamente. A literatura farmacológica considera as três primeiras como sendo tóxicas: o sumo de *R. graveolens* quando exposto ao sol pode provocar queimaduras na pele, enquanto *R. officinalis* pode provocar sono profundo, espasmos, gastroenterite, sangue na urina, irritação nervosa e morte, e *Aloe* sp. pode causar

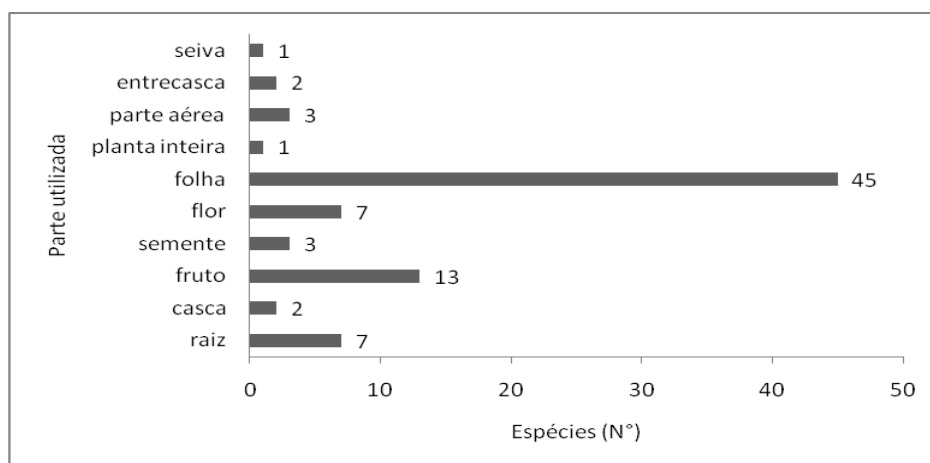
grave crise de nefrite aguda e retenção de água em crianças, que pode ser fatal (LORENZI; MATOS, 2008).

Cabe ressaltar também as espécies medicinais que foram consideradas abortivas pelas entrevistadas, devendo seu uso ser evitado por mulheres grávidas: *Lippia alba*, *Nasturtium officinale*, *Plectranthus amboinicus*, *Solanum paniculatum* e *Ocimum* spp. Na literatura farmacológica não constam ou são escassas informações acerca dessa implicação.

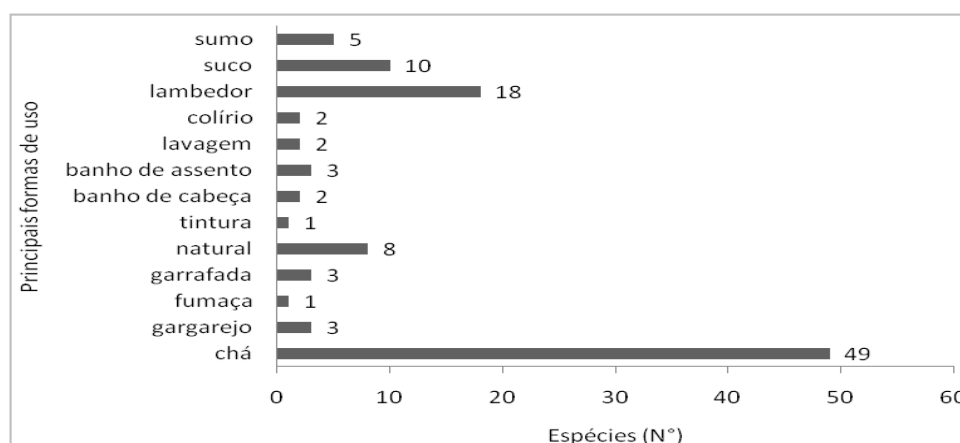
Nos relatos das entrevistadas, ficou evidenciado que elas distinguem as diferentes espécies com base geralmente na morfologia da planta. Dentre os usos citados para *Cereus* sp., foi ressaltado que a espécie verdadeiramente medicinal é a que apresenta três quinas e este é um dos caracteres de valor taxonômico para diferenciar cientificamente as espécies deste gênero; para *Eucalyptus* sp. e *Bauhinia* sp., usam-se os espécimes que apresentam folhas estreitas; para *Erythrina* sp. foi ressaltada a importância de se retirar da mata, sendo rejeitados os espécimes que são plantados em casa como ornamentais; já as diferentes espécies de *Ocimum* spp. são facilmente identificadas através da variedade de aromas que apresentam e o tamanho e formato das folhas.

Com respeito às principais partes das plantas citadas, as folhas sobressaíram, seguidas pelo fruto, flor e raiz (Figura 1), preparados preferencialmente na forma de chá, este podendo ser por maceração (11%), infusão (35%) ou decocção (54%); é também usado o lambedor, uma espécie de xarope que pode ser cozinhado ou serenado, e o suco (Figura 2), que pode ser ingerido com água ou leite.

**Figura 1.** Partes das plantas utilizadas pelas informantes da comunidade Mendes, município de Limoeiro, Pernambuco (Nordeste do Brasil).



**Figura 2.** Principais formas de preparo das plantas medicinais pelas mulheres da comunidade Mendes, município de Limoeiro, Pernambuco (Nordeste do Brasil).



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres da comunidade Mendes possuem um apreciável conhecimento acerca dos recursos da flora local com potencial terapêutico. O tratamento de diversos tipos de doenças com plantas medicinais é preferencialmente adotado, e as espécies utilizadas são obtidas especialmente em quintais residenciais. Este perfil se assemelha ao apresentado por comunidades tradicionais e não tradicionais de outras regiões do país. Entre as espécies citadas, pouco menos da metade é nativa da caatinga, evidenciando um elevado percentual de plantas introduzidas. Também ficou evidenciada nesta pesquisa a problemática da perda do conhecimento por meio da

aculturação, ao se observar que o repasse de conhecimento familiar realizado pela geração atual é marcadamente inferior ao repasse feito pela precedente.

## 5 AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão do auxílio à pesquisa; aos Herbários Geraldo Mariz da Universidade Federal de Pernambuco e Dárdano de Andrade Lima do Instituto Agrônomo de Pernambuco, pelo auxílio na identificação do material botânico; às mulheres da comunidade de Mendes, pelo inestimável apoio; aos revisores anônimos, pelas sugestões.

## 6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P.; CAVALCANTI, L. H.; CABALLERO, J. Structure and floristics of homegardens in northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments**, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

BACCHINI, E. M. Controle de qualidade de fitoterápicos. In: DI STASI, C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

BENNET, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, p. 90-102, 2000.

BERG, M. E. V. D. **Plantas medicinais na Amazônia**: contribuição ao seu conhecimento sistemático. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

CARRARA, D. P. **O pensamento médico popular**. Rio de Janeiro: Ribro Soft Editoria e Informática Ltda., 1995.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAUJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais florestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

GUARIM-NETO, G. **Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso, Brasil**. Brasília: MCT/CNPq, 1987.

HEISER JR., C. B. **Sementes para a civilização: a história da alimentação humana**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1977.

IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo populacional-2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250570&search=paraiba|dona-ines|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 03 de nov 2014.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2008.

MARODIN, S. M.; BAPTISTA, L. R. M. O uso de plantas com fins medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 4, n. 1, p. 57-68, 2001.

OLIVEIRA, G. L. **Etnobotânica nordestina: plantas medicinais da comunidade Muribeca (Jaboatão dos Guararapes – PE, Brasil)**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITANETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 3, p. 282-301, 2010.

POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, Belém, 1992. **Anais...** Belém: Governo do Estado do Pará, p. 112-117, 1992.

SILVA, F.; CASALI, V. W. D. **Plantas medicinais e aromáticas: pós-colheita e óleos essenciais**. 2. ed. Viçosa: UFV, DFT, 2000.

SIMÕES, C. M. O. **Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1998.

SIMONE, C.; LIMA, M. I. S.; NORDI, N. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antônio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2000.

SOARES, M. A. A.; BRAGA, J. R. P.; MOURÃO, A. É. B.; PARENTE, K. M. S.; PARENTE-FILHO, E. G. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Gurinhém – Paraíba. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 2, p. 36-47, 2009.

TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia, Série Botânica**, v. 61, n. 1-2, p. 5-11, 2006.